

Empobrecimento diminuiu a concentração de renda em 91

O ex-ministro Delfim Netto costumava dizer que era preciso que o bolo crescesse para depois ser repartido. Só que o bolo não cresceu, mas uma melhor distribuição foi feita: o empobrecimento generalizado da população brasileira reduziu a concentração de renda em 1991, registra o economista André Urani, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), através do cálculo do índice de Gini, na renda total das pessoas ocupadas nas seis principais regiões me-

tropolitanas do país. Todos perderam, mas os mais ricos perderam mais.

Pelo trabalho, cai de 0,60, em 1990, para 0,56, em 1991, o índice de Gini — indicador que varia de um a zero, sendo que quando mais próximo de um, maior a desigualdade de renda na população. A principal explicação para esta redução da concentração está na queda da inflação que, em 1991, ficou em torno dos 450%, contra taxas acima de mil por cento nos anos anteriores: é

que em períodos de inflação baixa, desaparece uma das vantagens que os mais ricos têm sobre os mais pobres, que é ter acesso e condições de utilizar mecanismos de proteção da renda.

Só que a redução da desigualdade acontece numa situação em que todos perdem, acentua Urani: desde os 10% mais ricos da população até os 10% mais pobres. A renda média do trabalho caiu em termos reais (descontada a inflação) 22% no Rio de Janeiro, 19,6% em São Paulo, 22%

em Recife, 9,2% em Belo Horizonte, 11,8% em Porto Alegre e 18% em Salvador na comparação de 1991 com 1990. De 1982 — quando o Gini estava em 0,59 — para 1991, esta queda chega a 40%.

De qualquer forma, ressalta o economista João Sabóia, os níveis de concentração de renda no país continuam a ser alarmantes: em países do primeiro mundo, informa, este indicador varia em torno de 0,30. (L.C.)